

AS REPRESENTAÇÕES DO SINCRETISMO RELIGIOSO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS¹

REPRESENTATIONS OF RELIGIOUS SYNCRETISM IN GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Roberta Colen Linhares²

RESUMO

Neste artigo, pretendo apontar as diferentes crenças religiosas presentes no livro *Grande Sertão: Veredas* (1956), de João Guimarães Rosa, apresentadas por meio da narração do protagonista Riobaldo, e como ele conviveu de maneira harmoniosa com essa realidade sincrética. A intenção é demonstrar, sem compromisso teológico ou filosófico, que o romance rosiano nos leva a refletir sobre o hibridismo inerente à essência humana. A proposta é ensaiar uma leitura de como Rosa, neste romance de formação, nos mostra a constituição identitária da fé do herói Riobaldo, um homem sertanejo que transitou com naturalidade entre ditos populares, presságios, preceitos católicos, espíritas e protestantes, algo tão característico da cultura do povo brasileiro.

Palavras-chave: Sincretismo Religioso. Riobaldo. Grande Sertão Veredas.

ABSTRACT

In this article, I intend to point out the different religious beliefs present in the book *Grande Sertão: Veredas* (1956), by João Guimarães Rosa, presented through the narration of the protagonist Riobaldo, and how he lived harmoniously with this syncretic reality. The intention is to demonstrate, without theological or philosophical commitment, that the Rosian novel leads us to reflect on the hybridity inherent to the human essence. The proposal is to rehearse a reading of how Rosa, in this novel of formation, shows us the identity constitution of the faith of the hero Riobaldo, a country man who moved naturally between popular sayings, omens, Catholic, Spiritist and Protestant precepts, something so characteristic of culture of the Brazilian people.

Keywords: Religious Syncretism. Riobaldo. Grande Sertão Veredas.

INTRODUÇÃO

A leitura da obra literária *Grande Sertão: Veredas* (1956), de João Guimarães Rosa, objeto de estudo deste ensaio, me transporta, dentre as várias entradas de leitura, à janela da religiosidade, à presença forte do sincretismo místico no romance. As representações da fé católica, espírita, protestante, da crença no saber popular e no sobrenatural, conversam entre si

¹ Relato de Experiência de leitura desenvolvido no âmbito da disciplina Estudos Literários: a questão de gênero, ministrada pela Professora Dra. Márcia Marques de Moraes, durante o 1º semestre de 2021.

² Graduanda em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: robertacolencol@yahoo.com.br.

durante toda a narrativa e dialogam comigo de maneira afetiva. Riobaldo, o protagonista e narrador da própria história, revelou elementos que apontam para a confluência das distintas práticas religiosas encontradas no sertão, no Brasil e no mundo.

Como disse Riobaldo: “este mundo é muito misturado” (ROSA, 2006, p. 221), um mantra evocado em toda a obra de Guimarães Rosa (1956), em que está configurada a pluralidade no mundo, como também, no universo interior de cada um, metaforicamente falando. Nesse sentido, a narrativa é emoldurada na diversidade de doutrinas, característica do multiculturalismo do povo brasileiro, o que no sertão não é diferente, e é retratado na obra ficcional rosiana. Diante dessa possibilidade de leitura e através da visão de Riobaldo, adentrei a vereda da fé para ampliar o olhar sobre os elementos culturais que apontam para as manifestações do sincretismo religioso no romance.

Para a tessitura deste artigo, pretendo pinçar excertos dos enunciados, verbetes e indícios de leitura que compõem a construção desse pluralismo sagrado na ficção, presente nos pensamentos e nas (con)fabulações do protagonista. Esta atitude de leitura é uma tentativa de me colocar no lugar do interlocutor de Riobaldo, o recém-chegado, o estrangeiro, aquele que olha o estabelecido ali sem o pré-julgamento. A ideia é dar conta de alcançar o imaginário desse homem sertanejo que esteve aberto às diferentes influências religiosas em sua vida e se beneficiou delas. Afirmo isso a partir das palavras do próprio personagem:

Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma Só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar – o tempo todo. Muita gente não me aprova, acham que lei de Deus é privilégios, invariável. E eu! Bofe! Detesto! O que sou? – o que faço, que quero, muito curial. E em cara de todos faço, executado. Eu? – não tresmalho! (ROSA, 2006, p. 16).

Olhe: tem uma preta, Maria Leôncia, longe daqui não mora, as rezas dela afamam muita virtude de poder. Pois a ela pago, todo mês – encomenda de rezar por mim um terço, todo santo dia, e, nos domingos, um rosário. Vale, se vale. Minha mulher não vê mal nisso. E estou, já mandei recado para uma outra, do Vau-Vau, uma Izina Calanga, para vir aqui, ouvi de que reza também com grandes meremerências, vou efetuar com ela trato igual. Quero punhado dessas, me defendendo em Deus, reunidas de mim em volta... Chagas de Cristo! (ROSA, 2006, p. 16)

O SINCRETISMO RELIGIOSO EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Diante da vastidão de ideias apresentadas por Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas* (1956), exploro o texto, a fim de localizar, nas enunciações de Riobaldo, formas de pensar, de agir, de ser, de compreender e estar no mundo e no sertão, a partir do viés religioso. Tomando por empréstimo as palavras do grande crítico literário Antônio Cândido:

Consideremos que estamos no Sertão, fantástico e real, onde a brutalidade impõe técnicas brutais de viver, onde os fenômenos de possessão religiosa, gerando beatos e fanáticos, diferem pouco, na sua natureza e consequência, dos que poderíamos atribuir à possessão demoníaca. (CÂNDIDO, 2002, p. 131).

No início da obra, uma situação ocorrida na vizinhança chama atenção do interlocutor, então, o narrador conta ter emprestado suas armas para matar um bezerro. Neste trecho, lê-se Riobaldo dizer a respeito de um fato que sinaliza a credence popular na existência do sobrenatural, ou seja, algo que não foi criado pela natureza, algo ruim, diabólico. Dessa forma, o bezerro branco foi adjetivado por erroso e, portanto, deve ser sacrificado para o extermínio do mal. A caracterização da aparência do animal insinua a imagem de uma fenda em sua boca, como se estivesse rindo feito uma pessoa, o que aos olhos humanos assemelhava-se a um defeito, a uma deformidade. Além disso, segundo o que o povo lhe havia contado, ao olharem para o bezerro, enxergavam nele a semelhança com um cachorro, outra alusão ao maligno de acordo com o que acredita o povo sertanejo. Pelo senso comum, a solução para o que causa estranhamento e medo, geralmente, é a exclusão e não a apuração pela razão; como disse Riobaldo: “Povo prascóvio.”.

[...] Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser – se viu –; e com máscara de cachorro. Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, arribitado de beiços, esse figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão: determinaram – era o demo. Povo prascóvio. Mataram. (ROSA, 2006, p. 7).

No terceiro parágrafo, é mencionado por Riobaldo o nome popular de uma planta muito conhecida no Brasil por suas propriedades medicinais, ela é usada para diversos tratamentos naturais: “Em ocasião, conversei com um rapaz seminarista, muito condizente, conferindo no livro de rezas e revestido de paramenta, com uma vara de maria-preta na mão...” (ROSA, 2006, p. 9). Essa passagem indicia a relação simbiótica do homem do campo com a flora nativa da região, associado ao poder místico relevante que a natureza tem para a comunidade local, o que o faz acreditar que um ramo da espécie maria-preta é um instrumento eficaz contra a possessão demoníaca.

Em outro momento do diálogo entre Riobaldo e o visitante, cujo personagem não tem o nome revelado, o protagonista relembra um fenômeno em que se indicia a crença dos sertanejos na superstição. O fato ocorreu na Fazenda dos Tucanos, durante uma guerra entre grupos jagunços. O bando que Riobaldo integrava estava agrupado dentro do casarão da fazenda, pois ocorria uma intensa troca de tiros com outro bando, e eis que em meio a uma breve suspensão do vai e vem das balas, uma borboleta, conhecida por maria boa-sorte, entrou voando:

Assim pararam, o balançar da guerra parou, até para o almoço, em boa hora. E então conto o do que ri, que se riu: uma borboleta vistosa veio voando, antes entrada janelas adentro, quando junto com as balas, que o couro de boi levantavam; assim repicava o espairar, o voo de reverências, não achasse o que achasse – e era uma borboleta dessas de cor azul-esverdeada, afora as pintas, e de asas de andor. – “Ara, viva, maria boa-sorte!” – o Jiribibe gritou. Alto ela entendeu. Ela era quase a paz. (ROSA, 2006, p. 337).

A cena acima descrita por Riobaldo revela uma sincronia entre os acontecimentos por ele narrados, ela ilustra a credence humana na simbologia da natureza que transmitiu a reminiscência da paz aos que estavam na sala do casarão. Um instante de trégua na guerra, não em totalidade, como disse Riobaldo, no excerto destacado: “Ela era quase a paz”, um momento passageiro de exultação do jagunço Jiribibe que provocou riso e trouxe um interstício, uma distensão em meio ao cenário violento. A aparição da borboleta, neste momento em especial, caracterizou o bom presságio, segundo a crença popular, e um paradoxo: nesse caso, um homem rústico em meio a uma guerra foi capaz de perceber a delicadeza de uma borboleta, o que despertou nele a invocação da fé e da esperança.

A dicotomia é outra característica marcante do romance, como, por exemplo, a afirmação e a negação. Na ficção, o bem e o mal confrontam-se, mas também encontram pontos de interseção na fé católica, protestante, espírita e na superstição, como acontece em outras religiões na não ficção. Em vários trechos do livro, Riobaldo recorre a essa variedade de representações, seja motivado pelo uso cotidiano da linguagem, seja como súplica a Deus ou a algum santo de sua devoção. Em um dos primeiros momentos do romance, o herói expõe ao seu interlocutor a grande dúvida que o acompanhou durante toda sua jornada: a existência ou não do demônio; o ser símbolo da maldade em diferentes doutrinas, e essa inquietação é ilustrada, em uma de suas enunciações, com um caso característico da crença popular comum na região dos gerais:

Do demo? Não glosa. Senhor pergunte aos moradores. Em falso receio, desfalam no nome dele – dizem só: o Que-Diga. Vote! não... Quem muito se evita, se convive. Sentença num Aristides – o que existe no buritizal primeiro desta minha mão direita, chamado a Vereda-da-Vaca-Mansa-de Santa-Rita – todo o mundo crê: ele não pode

passar em três lugares, designados: porque então a gente escuta um chorinho, atrás, e uma vozinha que avisando: – “Eu já vou! Eu já vou!...” – que é o capiroto, o que-diga... E um José Sampilício – quem qualquer daqui jura ele tem um capeta em casa, miúdo satanazim, preso obrigado a ajudar em toda ganância que executa. (ROSA, 2006, p. 8).

Neste excerto, tem-se o verbete “Que-Diga”, termo da crença da comunidade do sertão para se referir ao diabo. Escrito de maneira que privilegia a oralidade (“dizem só”), tão peculiar nesse espaço geográfico do país (“pergunte aos moradores”), em um tempo que se valorizava sobremaneira a contação de histórias, de causos e adágios, fortunas da cultura popular brasileira (“todo o mundo crê”). Nem o protagonista, sujeito simples, sertanejo, nem o seu ouvinte, um visitante da cidade, questionam a veracidade do relatado, sugerindo a convicção na existência do demônio, uma figura que permeia o imaginário de todos. Nas palavras de Riobaldo acima ressaltadas: “Quem muito se evita, se convive.”

Riobaldo é do sertão, o interlocutor é um “forasteiro”, alguém que não se sabe quem é, e a conversa entre eles tem um tema central, a existência ou não do diabo, como já foi dito. A dúvida o consumia, mas não gratuitamente, a preocupação era se ele havia sido heterodoxo, e se de alguma maneira havia selado um pacto com o demônio, figura maligna muito constante nas falas do protagonista, algo (ou alguém) em que todos da região acreditavam. Incertezas que foram verbalizadas no trecho:

E as ideias instruídas do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe; pois é não? O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos... Pois, não existe! E, se não existe, como é que se pode se contratar pacto com ele? E a ideia me retorna. Dum mau imaginado, o senhor me dê o lícito: que, ou então – será que pode também ser que tudo é mais passado revolvido remoto, no profundo, mais crônico: que, quando um tem noção de resolver a vender a alma sua, que é porque ela já estava dada vendida, sem se saber; e a pessoa sujeita está só é certificando o regular dalgum velho trato – que já se vendeu aos poucos, faz tempo? Deus não queira; Deus que roda tudo! (ROSA, 2006, p. 39-40).

Na primeira parte da retórica supracitada, Riobaldo valeu-se de diversos sinônimos para se referir ao demônio, sempre em alusão a algo negativo, uma figura de linguagem comum entre os falantes da região, transmitida oralmente entre gerações. Assim como a ideia do pacto com esse ser maléfico também é presente no imaginário popular, em consequência às escolhas consideradas condenáveis pelas doutrinas religiosas. Ele se cobrava por ter escolhido ir sozinho até Veredas-Mortas, por ter se colocado frente a frente com seu demônio interior, em uma noite escura, em uma encruzilhada, onde buscou coragem no fundo do seu medo.

O que eu estava tendo era o medo que ele estava tendo de mim! Quem é que era o Demo, o Sempre-Sério, o Pai da Mentira? Ele não tinha carnes de comida da terra, não possuía sangue derramável. Viesse, viesse, vinha para me obedecer. Trato? Mas trato de iguais com iguais. Primeiro, eu era que dava a ordem. E ele vinha para supilar o ázimo do espírito da gente? Como podia? Eu era eu – mais mil vezes – que estava ali, querendo, próprio para afrontar relance tão desmarcado. (ROSA, 2006, p. 419).

Ele se colocou à prova e, em uma fração de segundos, seus pensamentos oscilaram em dar fim à sua própria vida, e em troca: “Acabar com Hermógenes! Reduzir aquele homem!...” (ROSA, 2006, p. 421). Esse é um importante momento da narrativa, em que Riobaldo descreveu ao seu interlocutor como forjou sua coragem, fazendo menção ao redemoinho de vento, representação da presença do maligno no imaginário popular, ao mesmo tempo em que invocava o nome de Deus. A partir desse acontecimento na vida do protagonista, ele acredita ter passado por uma transformação, assume uma postura de valentia e chefia: “Ah, eu, meu nome era *Tatarana!*” (ROSA, 2006, p. 436), e reivindica a liderança do bando de jagunços antes capitaneados por Zé Bebelo. Como escreveu o pesquisador Davi Arrigucci: “o enigma da travessia da existência individual que é o objeto do romance.” (ARRIGUCCI, 2010, p. 6), evidencia o quão tênue são as fronteiras entre o lícito e o ilícito em toda a narrativa, pois estão muito misturadas ao ponto de não se poder determinar com exatidão o início de uma e o fim da outra, mesmo porque esse é o grande mistério da ficção.

Fica claro para o interlocutor que, no convívio social de Riobaldo, na constituição de sua identidade jagunça, a violência, a maldade e o diabo eram prementes ao coração daquele homem: “[...] o Sertão faz o homem.” (CÂNDIDO, 2002, p. 128). Avesso a tudo isso, Riobaldo, atravessado pelo medo e pela coragem, não escolheu a vereda do mal, problematizou seus dilemas e ancorou-se na fé, nas doutrinas que tomou como suas, amalgamadas em sua essência. Para dirimir essas inseguranças, ele se confortava em seu compadre Quelemém, adepto da religião de Allan Kardec, a doutrina espírita, pessoa de sua grande estima: “Homem de mansa lei, coração tão branco e grosso de bom, que mesmo pessoa muito alegre ou muito triste gosta de poder conversar com ele.” (ROSA, 2006, p. 58). Foi dele que ouviu respostas a algumas de suas angústias:

[...] que, por perto do Céu, a gente se alimpou tanto, que todos os feios passados se exalaram de não ser – feito sem-modez de tempo de criança, más-artes. Como a gente não carece de ter remorso do que divulgou no latejo de seus pesadelos de uma noite. Assim que: tosou-se, floreceu-se! Ahã. Por isso dito, é que a ida para o Céu é demorada. [...] que, por todo o mal, que se faz, um dia se repaga, o exato. (ROSA, 2006, p. 22).

Na fala ininterrupta do herói do romance, ele rememora fatos e pessoas que marcaram sua vida, e revela sua alteridade: “Tudo é e não é ...” (ROSA, 2006, p. 11), expressão muito

utilizada por ele ao demonstrar sabedoria e inteligência diante das relações de contraste da vida. Riobaldo, nascido e criado no sertão, pessoa humilde, cresceu sem leitura e escrita até ter acesso à janela do conhecimento, na idade adulta. Porém, antes disso, já tinha uma postura reflexiva e elaborava suas dúvidas, não era apegado a artificialidades. Ele era um sujeito convencido da morte da alma, do fim da vida humana na terra e de uma realidade para além do firmamento, pontos de contato entre as diversas ideologias religiosas que o influenciavam. Sobre isso, lê-se em:

[...] mesmo no Céu, fim de fim, como é que a alma vence se esquecer de tantos sofrimentos e maldades, no recebido e no dado? A como? O senhor sabe: há coisas de medonhas demais, tem. Dor do corpo e dor da ideia marcam forte, tão forte como o todo amor e raiva de ódio. (ROSA, 2006, p. 21).

Nessa passagem do romance, tem-se a representação dos preceitos cristãos e kardecistas, mas também da raiz cultural do saber sertanejo que coabitavam no que ele consentia. Reitero isso, a partir das dúvidas expostas por Riobaldo, ao revelar preocupação com as consequências das suas escolhas, com o pós-morte e com a existência de um espaço na eternidade para a alma humana.

Como um bom observador e questionador, ouvia, refletia, lia o comportamento das pessoas, da fauna e da flora. Ele fazia a leitura em profundidade para extrair os sentidos e atravessar o sertão, em paralelo, desbravava suas veredas internas. Assim como no espaço geográfico, em um caminho não linear, ele conjugava imaginação e indagação, em um exercício de tentar compreender os mistérios da vida e da alma. Nessa trajetória narrada de maneira atemporal, ele fundia o passado com o presente e o futuro, e as figuras do sagrado e do profano eram habituais na sua enunciação:

[...] quem-sabe, a gente criatura ainda é tão ruim, tão, que Deus só pode às vezes manobrar com os homens é mandando por intermédio do diá? Ou que Deus – quando o projeto que ele começa é para muito adiante, a ruindade nativa do homem só é capaz de ver o próximo de Deus é em figura do Outro? Que é que de verdade a gente presente? Dúvido dez anos. Os pobres ventos no burro da noite. Deixa o mundo dar seus giros! Estou de costas guardadas, a poder de minhas rezas. (ROSA, 2006, p. 40).

Admitido de reflexões do recôndito da alma acerca das situações por ele vividas e presenciadas, como também dos relacionamentos estabelecidos em sua vida, Riobaldo mais uma vez socorreu-se nos preceitos kardecistas garantidos pelo amigo e compadre Quelemém, que confortavam suas aflições:

Explico ao senhor: o diabo vive dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco – é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso – por estúrdio que me

vejam – é de minha certa importância. Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela-já o campo! Ah, a gente, na velhice, carece de ter sua aragem de descanso. Lhe agradeço. Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças – eu digo. Pois não é ditado: “menino – trem do diabo”? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes. ... O diabo na rua, no meio do redemunho... (ROSA, 2006, p. 10)

Nesta fala, Riobaldo manifestou representações do pluralismo de seu exercício de fé, ao citar um adágio, um saber transmitido pela oralidade entre gerações, uma forma bem particular de ler a vida pelas entrelinhas, enraizado na cultura do povo brasileiro: “Pois não é ditado: menino – trem do diabo?” (ROSA, 2006, p. 10-11). Para o sertanejo, não se trata somente de um provérbio, mas sim de uma verdade não contestável, algo em que se acredita sem investigar a autoria, como acontece também com a crença em abusões: “[...] o diabo na rua, no meio do redemunho...” (ROSA, 2006, p. 11). Em outros momentos da narrativa, é repetida essa menção ao redemoinho como uma imagem diabólica, uma força dissociada do que é natural e associada ao espiritual. Isso remete, ainda, aos personagens do folclore brasileiro - o saci e a caipora - seres encantados identificados pela presença do redemoinho de ventos nas lendas sobre eles contadas.

Sem dúvida, esse sujeito cria em um Deus, em um ser espiritual soberano, uma figura mística poderosa, que mantinha a sua fé e esperança vívidas diante de seus embates íntimos, e dos desafios concretos impostos pelas circunstâncias da vida jagunça. Face a tantos caminhos tortuosos que o conduziam à violência, à crueldade, à traição, à injustiça, enfim, às veredas contrárias a sua fé, ele se manteve crente e temente:

Que Deus existe, sim, devagarinho, depressa. Ele existe – mas quase só por intermédio da ação das pessoas: de bons e maus. Coisas imensas no mundo. O grande-sertão é a forte arma. Deus é um gatilho? (ROSA, 2006, p. 343).

Um outro credo que aparece em vários trechos do romance é a devoção à Nossa Senhora, a invocação à Virgem Maria. Uma dessas passagens pode ser lida, quando, ao chegarem ao retiro do Valado, Riobaldo relata que na casa da propriedade havia imagens e vestígios de velas.

Um a um, os homens, em um gesto característico da prática religiosa católica, foram “ao quarto-do-oratório beijar a santa maior, que era no seu manto como uma boneca muito perfeita, que era a Minha Nossa Senhora Mãe-de-Todos.” (ROSA, 2006, p. 398).

Riobaldo era um sujeito diferente no meio dos seus pares, sabia-se assim como ele mesmo dizia: “[...] sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.” (ROSA, 2006, p. 11). Essa autoafirmação é reforçada em um episódio marcante do romance, vivido em Guararavacã do Guaicuí, em que ele se despiu de seus segredos mais bem guardados e assumiu ao seu interlocutor:

Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim – de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. Me a mim, foi de repente, que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me reprovei – na hora. (ROSA, 2006, p. 289).

Na beira do Rio São Francisco, os dois ainda crianças, Riobaldo e Diadorim, meninos muito diferentes entre si, se conheceram e se apaixonaram no primeiro encontro, algo proibido aos olhos de Deus e dos homens, condenável pelas ideologias católica e protestante. Por esta perspectiva, era um amor impossível, que revolveu os valores morais de Riobaldo e o acompanhou durante todo o romance. Experimentou em seu âmago um amor genuíno por outro homem, conviveu com o conflito interno entre o certo e o errado, de acordo com o estabelecido pelas regras sociais e culturais à época, e pelos preceitos das suas práticas religiosas. No silêncio do seu coração ele dizia: “– Diadorim, meu amor... Como era que eu podia dizer aquilo? [...] Aquilo me transformava, me fazia crescer dum modo, que doía e prazia.” (ROSA, 2006, p. 291).

Pela senda da vida traçada por Rosa (1956) para o seu protagonista, o agora ex-jagunço em busca de paz de espírito e na tentativa de abrandar o seu “diabolismo” (ARRIGUCCI, 2010 p. 7) após a morte de Diadorim, seu grande amor, mais uma vez ele se ancora nos conselhos do seu compadre Quelemém e de seu ex-chefe Zé Bebelo. Riobaldo, após o trágico fim de Diadorim, abre mão do posto de líder da jagunçagem e, nesse movimento de atravessar a sua dor, agarra-se na amizade e na religião, seguindo os rituais cristãos para se unir em matrimônio a Otacília: “a noiva sempre à espera na Fazenda Santa Catarina, “que ficava perto do céu.”” (ARRIGUCCI, 2010, p. 10).

Assim como o “forasteiro” ofereceu a escuta a Riobaldo e fez anotações em sua caderneta, também compartilhei minha leitura, assumindo a identificação com a subjetividade religiosa do narrador e protagonista do romance. Riobaldo se libertou das amarras internas ao narrar sua travessia, e fez as pazes com seus demônios particulares, clarificando que,

conhecendo a si mesmo, ele curou sua alma através das palavras, confortado pelas ideologias religiosas que o constituem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Grande Sertão: Veredas* (1956) transcende a visão regionalista e nacionalista ao que se denomina sagrado. A construção identitária da fé de Riobaldo comprova que uma religião não subjaz a outra. O romance tem um percurso de leitura desafiador, e dentre tantas características que assim o compõem, uma é a narrativa de uma experiência individual entremeada por narrativas menores, que alcançam a totalidade da experiência coletiva. A história acessa nosso inconsciente coletivo, ao narrar a trajetória heroica e solitária de um sujeito do sertão, Riobaldo, que passa por uma transformação funda e complexa em ordem cronológica, como escreveu o estudioso Davi Arrigucci (2010), o romance roseano narra o homem do mundo.

Com certeza nas próximas incursões de leitura, ao revisitar o sertão e sua vastidão, muitas outras camadas que passaram despercebidas nessa primeira travessia irão se revelar e despertar novos encantamentos. Este é um livro que não se esgota, e o leitor é de fato atravessado por uma série de enigmas universais da humanidade, como se estivesse diante do seu próprio avesso. Como escreveu o grande crítico literário Antônio Cândido em “O Homem dos Avessos”: “Entremos nessa realidade fluida para compreender o Sertão, que nos devolverá mais claros a nós mesmos e aos outros. O Sertão é o Mundo.” (CÂNDIDO, 2002, p. 139).

Em particular, me emociona ler um dos cem maiores livros da literatura universal, me encanta a sabedoria popular sertaneja retratada na ficção e atravessar o sertão (ficcional) segurando nas mãos de Riobaldo, Diadorim, Joca Ramiro, Zé Bebelo, Otacília e os demais, pela vereda religiosa, tem abastecido minha alma de fé e de esperança. Sobretudo em meio a um momento tão difícil e delicado, a crise sanitária instalada no planeta, foi como mergulhar no Rio São Francisco e ser abençoada por suas águas profundas.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., Davi. Sertão: mar e rios de histórias. *In*: ARRIGUCCI JR., Davi. **O guardador de segredos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CÂNDIDO, Antônio. O homem dos avessos. *In*: CÂNDIDO, Antônio. **Tese e Antítese**. 4. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002.

FONSECA, Hugo. **O Deus Rosiano**: Análise teológico-literária de algumas imagens de Deus em Grande Sertão: Veredas. São Paulo: UEMESP, 2008.

ROSA, João Guimarães, 1908-1967. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006 (Biblioteca do Estudante).